

GAGO, Dora Nunes. *As Duas Faces do Dia*. Lisboa: Chiado Editora, 2014.

Rogério Miguel Puga

A narrativa *As Duas Faces do Dia* (*ADFD*), publicada pela Chiado Editora (2014), da autoria de Dora Gago, pode ser classificada como uma novela que se revela gradualmente como uma obra por camadas, ou seja, palimpséstica, como se de um *mille-feuille* se tratasse, em termos de forma e obviamente de conteúdo, forçando premeditada e estrategicamente o leitor a viajar entre duas narrativas biográficas ou percursos já conhecidos do leitor mais informado, o da vida-suicídio de Florbela Espanca e de Brígida rumo à vida, esse caminho sim desconhecido do leitor. Como é sabido, Florbela Espanca nasceu em Vila Viçosa em 1894 e suicidou-se, em Matosinhos, aos 36 anos de idade, em 8 Dezembro de 1930, data importante na acção da novela, como o leitor descobrirá. A representação dos dois percursos em ‘paralelo’ revela ser uma estratégia interessante, uma vez que é a narrativa dedicada a Florbela e aos seus pensamentos que atrasa o desenrolar do mini *thriller* que enriquece a obra, ou seja, os capítulos intercalados apresentam, à vez, as aventuras de Brígida, uma mulher que perdera a memória e a deseja recuperar, bem com as de Florbela, que deseja perder as suas angustiantes recordações e que o consegue através do suicídio. Um interessante jogo de percursos-desejos inversos da condição feminil.

Estamos assim perante um trio feminino, uma autora, Dora Nunes Gago, que escreve sobre duas mulheres, Florbela, a figura histórica e literária transformada em personagem, e Brígida, uma criação ficcional da autora, que ganha vida literária num mundo possível que recupera intertextualmente uma das mais conhecidas autoras portuguesas. Os poemas da protagonista

tornam-se assim ao longo de *ADFD*, bem com as biografias de Rui Guedes sobre a poetisa, intertextos da obra, intensificando-se a convocação literária de textos líricos de Espanca no final do enredo, como se de um dialógico processo de disseminação colectiva se tratasse, bastando evidenciar a estratégia adoptada por Dora Gago para saturar a sua novela do diário e dos textos líricos (os-poemas-dentro-da-novela) de Florbela, que, por sua vez, recuperam e convocam as palavras-vivências cristalizadas pela própria escrita da poetisa-protagonista. Já os poemas de Sophia de Mello Breyner e de António Nobre são também convocados ao longo do tecido da novela e estabelecem um diálogo ou rede intertextual que enriquece o texto através de temas como a busca e a solidão. O texto revisita as várias tentativas de suicídio de Florbela e os seus sentimentos, sendo o *Diário do Último Ano* também citado, um texto autobiográfico iniciado em Janeiro de 1930 e terminado em Dezembro desse ano com a frase recuperada pela narradora de *ADFD*: “E não haver gestos novos e palavras novas” (9). Florbela sofre um aborto espontâneo em 1918, e a partir dessa data é também ‘vítima’ de uma neurose, enquanto o amor e alegria de viver se esbatem a um ritmo cada vez mais rápido, sobretudo após a morte do seu irmão, Apeles, em 1927, memória da infância alegre e figura onírica presente ao longo de toda obra, inclusive no final, momento em que ele atravessa o mitológico rio grego do esquecimento com Florbela. A dupla (moderna) será a primeira a atravessar o rio Lethes de hidroavião, interessante imagem metafórica que funde a tecnologia da contemporaneidade com a mitologia clássica.

A natureza dual do dia referido no título da obra reflecte-se na dualidade das narrativas apresentadas, uma no passado e rumo à morte voluntária (activa), outra no presente rumo à luta pela vida (morte passiva). O prefácio da narrativa, da autoria de Teresa Sá Couto, refere, desde logo, as temáticas da voz e do tempo, estabelecendo-se assim um contrato de leitura assente em duas fortes presenças, os sons, ou seja, a *soundscape*/paisagem

acústica ou sonora (os sons que se acumulam ao longo da obra e da noite), e as cronotópicas viagens no tempo e no espaço, entre a vida da poetisa e a de Brígida, esta última estudiosa da obra de Espanca e vítima de um atropelamento homicida. Destacamos temáticas como a memória, a *smellscape* ou paisagem olfactiva (os cheiros percebidos pelas personagens), a paisagem visual natural (Natureza, lares, sonhos), a morte e o suicídio. A moral e os costumes dos anos 30 do século passado — face à escandalosa mulher que fuma e se divorcia — contrastam com os actos e fenómenos sociais da contemporaneidade como mortes devido a tráfico de droga, questionando a narrativa até que ponto Florbela se deprimiria actualmente pelas razões que a levaram ao suicídio no século passado. O segundo capítulo inicia a história de Brígida, leitora-fã e estudiosa de Espanca, exactamente 82 anos depois da morte da poetisa, como se as histórias das Mulheres se fundissem e não terminassem nunca. A novela pode assim ser lida à luz dos preceitos da teoria do género (Gender Studies) através da análise de temas como a condição e a liberdade femininas num mesmo espaço geográfico, mas em tempos diferentes: uma mulher que deseja adormecer e parar de recordar, e uma outra que acorda amnésica e quer recuperar a memória e a vida; duas vivências, duas narrativas e desenlaces diferentes revelados e recordados em paralelo. Ao longo da novela vão-se adensando ainda temas relacionados com a condição e natureza humanas, tais como a doença, a juventude, a introspecção e a subsequente escrita literária como terapia catártica, a infidelidade, o sofrimento, a sobrevivência, o medo, o inconsciente e os sonhos-traumas, a má-língua e a moral, as pulsões, o amor, a auto e hetero-memória analéptica e autobiográfica, a demência, a busca infrutífera *a la* D. Quixote, e a depressão. O leitor informado reconhece ao longo dos enredos alguns dados biográficos de Florbela Espança, exigindo uma leitura profunda da obra um leitor informado ou culturalmente competente. O contexto

histórico da acção dos capítulos dedicados a Florbela torna-se também tempo biográfico, enquanto a descrição de uma foto-espaco de memória na página 25 convoca a estratégia da *ekphrasis* associada à recuperação das recordações de um passado feliz pela poetisa, acentuando a imagem do seu presente miserável. A psique feminina é também textualizada nesse exercício biográfico em torno de Florbela Espanca através dos pensamentos da escritora-protagonista sobre o casamento, o aborto e a felicidade, enquanto *ADFD* recupera ficcionalmente os gestos do quotidiano quer da poetisa, quer da jovem acamada, Brígida, cuja tese de Doutoramento sobre Florbela a levava a Matosinhos e a Vila Viçosa, como se de um biombo de duas faces se tratasse, as tais duas faces do quotidiano de cada mulher, dualidade também presentes nos sonhos da jovem que são recordações traumáticas desfamiliarizadas. Aliás, à medida que a memória de Brígida regressa, através das recordações que tem do seu estudo de Florbela, “Princesa do Desalento”, os capítulos que lhe são dedicados tornam-se mais longos, adensando-se o *suspense*. Relativamente ao percurso-enredo de ambas as mulheres, uma frase da última página da novela poderá funcionar como chave para a interpretação das muitas suas leituras possíveis: “O distanciamento da mediocridade comum poderá convertê-la numa espécie de ilha — ilha que Florbela Espanca não aguentou ser” (72).

Rogério Miguel Puga é doutorado em Estudos Anglo-Portugueses e Professor Auxiliar Convidado na Universidade Nova de Lisboa (FCSH, CETAPS).